

Vozes do Povo A comunicação-social de língua portuguesa No estado da Califórnia—Uma possível Leitura

Autor(a): Diniz Borges | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

Tema: Comunicação Social

Subtema:

Referência geográfica do conteúdo: Califórnia, USA

Data de publicação: 29/10/2008

Línguas disponíveis: Português

RESUMO

A comunicação social em língua portuguesa no estado da Califórnia tem uma história secular. Sem ela a comunidade seria muito diferente.

CONTEÚDO

Há mais de um século que os portugueses dos Açores fazem da Califórnia a sua segunda pátria. No estado do Eldorado, as gentes das ilhas de bruma lançaram novas raízes e cultivaram a sua própria identidade—uma açorianidade mesclada pela irrigação contínua do aglutinador melting pot. Após a travessia do imenso Atlântico, e todo o continente norte-americano, o açoriano agora transplantado nas “Califórnicas perdidas de abundância” de que nos fala o poeta florentino Pedro da Silveira, sente a necessidade de agarrar-se ao que é da sua terra: as festividades, a religião, as tradições populares, e, sobretudo a língua. Daí que pouco depois da primeira chegada das ondas emigratórias de portugueses para a Califórnia tenham aparecido alguns órgãos da comunicação social. Vozes de Povo, os jornais e as rádios de língua portuguesa neste estado à beira do pacífico plantado, têm tido uma relevância enorme no contacto dos emigrantes com a sua língua e a sua terra.

Durante décadas, nos anos AC-Antes do Computador, estes órgãos da comunicação social foram as cartas colectivas que se recebia da ilha e da freguesia lá distante. Foram essencialmente estas Vozes do Povo, que davam ao emigrante o contacto com a terra natal—através das notícias de Portugal e dos Açores e com o mundo estranho que os rodeava—com as notícias da sociedade americana. Porém, a função de maior magnitude para muitos dos emigrantes estaria na divulgação dos acontecimentos comunitários—o espaço que os mantinha em contacto uns com os outros, aquele contacto necessário que lhes dizia que em terra de ninguém ainda eram alguém. Apesar do muito que se disse, e se dirá, sobre o amadorismo, o pouco-ortodoxismo, o cómico, e até mesmo o trivial, que se passou, e porventura ainda se passa em algumas parcelas dos órgãos da comunicação social de língua portuguesa na Califórnia, não esqueçamos, nunca, que foram estes homens e estas mulheres, que durante muitíssimas décadas, e muito antes das escolas portuguesas, antes de centros de estudos universitários, antes da existência de muitos clubes, filarmónicas e associações, das parabólicas, da TV Cabo e da Internet, foram eles, os verdadeiros propunáculos da língua portuguesa no estado da Califórnia.

Como se sabe, os primeiros órgãos da comunicação social em língua portuguesa neste estado foram os jornais. A imprensa lusíada em terras de Cabrilho deu os seus primeiros passos através do *Voz Portuguesa*, estabelecido a 5 de Agosto de 1880, em São Francisco, este jornal foi dirigido pelo brasileiro Manuel Stone. E vejamos a vitalidade da imprensa de língua portuguesa na Califórnia, nos finais do século XIX e princípios do século XX. Em 1884, também na cidade de São Francisco, aparece *O Progresso Californiense*, fundado pelo florentino António Maria Vicente. Em 1887, de novo em São Francisco surge: *A União Portuguesa*. O *Amigos dos Católicos*, fundado pelos padres Manuel Francisco Fernandes e José Francisco Tavares, apareceu em 1888, mais tarde foi

mudado o nome, uma espécie de laicização, para *O Arauto* pelo açoriano, também da ilha das Flores, Pedro Laureano Claudino da Silveira sendo transferido de Hayward para Oakland. Em 1900 aparece em Sacramento *A Liberdade*; em 1905 nasce na cidade de Fresno, no vale de San Joaquin, *O Portugal-América*; no ano de 1909 é fundado *O Reporter*; em 1913, também na capital californiana, aparece *O Imparcial*; em 1908 *A Voz da Verdade* na cidade de Oakland; em 1912, *O Lavrador Português* em Lemoore, Hanford e Tulare; em 1914 o *A Califórnia Alegre* é fundado nas mesmas localidades; *A Colónia Portuguesa* em Oakland e a *Revista Portuguesa* em Hayward no ano de 1915. Entre estes, existiram outros que tiveram vida ainda mais efémera e que foram publicados em várias partes do norte e centro da Califórnia.

Dos jornais publicados no passado mais recente, saliente-se o *Jornal Português*, que resultou de uma fusão do *Imparcial* e *A Colónia Portuguesa*. Dirigido durante mais de três décadas por Alberto Lemos, o *Jornal Português*, extinto há poucos anos, foi, indubitavelmente o jornal de língua portuguesa com maior tradição nas comunidades da Califórnia. Foi ainda um semanário que gozou de um bom contacto com os luso-descendentes, muitos dos quais assinavam-no como um legado cultural vindo dos pais ou dos avós.

Ainda no século vinte registe-se o aparecimento do *Progresso* publicado em Sacramento entre 1933 e 1940; *As Novidades* publicado em Newman durante alguns meses no ano de 1940; *A Voz de Portugal* de Hayward, existente entre os anos de 1960 a 1976; o *Portuguese Tribune* fundado por João Brum (o único até à data que no princípio tinha um projecto cultural e que cujo director foi pioneiro no chamado jornalismo cultural) em 1979 e ainda em publicação; o *Novidade* em Tulare, que existiu desde 1983 a 1991; *O Notícia* publicado de 1984 a 1986; o *Portugal/USA* 1986/87 e ainda mais recente o *Portuguese-American Chronicle* fundado em 1997 e o *Luso-Americano* de New Jersey que em 1992 começa uma edição da Califórnia. A imprensa de língua portuguesa tem sido prolifera e acabou por ter deixado as suas marcas no historial dos portugueses em terras de Cabrilho.

Na crónica “Meios de Comunicação Portugueses na Califórnia”, inserida no livro *Miscelânea L (U.S.A.) landesa*, o Professor Doutor Eduardo Mayone Dias, cita e traduz uma afirmação do historiador luso-descendente Professor Geoffrey Gomes cuja investigação sobre a imprensa portuguesa na Califórnia é verdadeiramente exemplar, a qual poderá situar-nos no conteúdo dos nossos primeiros jornais de língua portuguesa neste estado:

Cheguei a algumas conclusões provisórias em relação à imprensa de língua portuguesa anterior a 1900, que gostaria de submeter à vossa consideração. Primeiro, os jornais em língua portuguesa não faziam um grande esforço para separar a reportagem do comentário. Tomavam-se, portanto, atitudes editoriais não apenas em secções reservadas ao comentário mas também, frequentemente, em notícias cuja fonte não era atribuída. Deve-se apontar, naturalmente, que esta prática jornalística não era desconhecida. É o mesmo que encontramos

nao era desusada. E a mesma que encontramos nos jornais de língua inglesa da época. Em segundo lugar, as reacções da antiga imprensa de língua portuguesa aos temas políticos americanos eram conservadoras. Esta conclusão não é surpreendente, dado o fundo rural e conservador não só da maioria dos jornalistas portugueses da época, mas igualmente a da vasta massa dos seus leitores. Em terceiro lugar, este antigo jornalismo luso-americano era uma empresa altamente individualista e tendia, pela sua natureza, a ser muito susceptível às idiossincrasias dos seus praticantes. Assim as rivalidades pessoais, as rixas particulares e as divisões políticas dentro da comunidade portuguesa frequentemente se imiscuíam nas páginas dos jornais de língua portuguesa e, embora não contribuindo talvez para a qualidade geral destes jornais, permitiam pelo menos uma leitura estimulante e entretida.

É obvio que os jornais da diáspora têm evoluído, mas também não é menos verdade que ainda se gosta do ataque e o insulto pessoal. Como escreveu o Professor Doutor Onésimo Almeida no L(USA)Landia—A Décima Ilha: “a alma portuguesa fica consolada, lavadinha, aliviada e pura quando manda em colunas aquela bordoadá a isto e àquele.” Os jornais da diáspora, os que agora são publicados na Califórnia, preenchem as suas páginas com informações tão variadas, que vão desde notícias de Portugal e Açores, páginas do Brasil, informações de destaque no mundo americano, notícias das comunidades, agenda social da comunidade; necrologia; receitas; desporto; passatempos; e mais recentemente alguma informação em inglês, especialmente dados da história de Portugal; notícias oficiais; e informações turísticas.

E porque não só de jornais vive o homem, a comunidade portuguesa da Califórnia tem tido na rádio um dos mais importantes, e o talvez mais influente meio de comunicação. Porque os hábitos de leitura dos portugueses emigrados não eram os melhores, porque o trabalho e o processo de integração pouco espaço dava para a leitura, a rádio foi o meio que mais cresceu dentro das comunidades portuguesas deste estado do pacífico. Uma mistura da música tradicional que as rádios tocavam, e ainda tocam, o desejo de se ouvir falar português, e a tão necessária interligação das pessoas, e das associações, popularizou as rádios no seio dos portugueses.

O primeiro programa de rádio em língua portuguesa, criado na Califórnia, chamou-se *Vasco da Gama*. Este programa foi dirigido por José Vitorino. Lançado para o ar no dia 10 de Junho de 1920 pela estação KGRM, portanto antes da rádio ter aparecido em Portugal. Foi o mesmo

ROBIN, portanto antes da rádio ter aparecido em Portugal. Foi o mesmo José Vitorino que mais tarde dirigiu o programa *Voz Dos Açores* da cidade de Modesto. No ano de 1930 Artur Vieira Ávila, que havia fundado o jornal *O Lavrador Português* e havia colaborado em outros periódicos, lançou o primeiro programa português emitido diariamente na Califórnia, *Castelos Românticos*. Este programa era apresentado em colaboração com a sua esposa Celeste Ávila e transmitido desde a cidade de Oakland. Sete anos mais tarde, em 1937, na cidade de Tulare, Enos Santos aparece com o programa *Portugal* que se tornou num dos programas com maior duração nas lides radiofónicas portuguesas em terras californianas. Este programa de rádio foi transmitido ininterruptamente de 1937 até 1995. Nos últimos anos este programa de rádio foi dirigido pelo popular locutor da rádio, oriundo da ilha do Faial, Joe Silva.

Desde então, têm sido prolíferos os programas de rádio em língua portuguesa nas várias estações de rádio do norte ao sul da Califórnia. Sem dúvida que estes pioneiros da rádio, e os que lhes seguiram, suavizaram a nostalgia, o desejo do regresso, pelo menos imaginário, à terra de origem. Este apego ao passado, e às ilhas, é transparente nos nomes que os homens e as mulheres davam aos seus programas: “Saudades da Nossa Terra”, “Recordações de Portugal”, “Ecos Portugueses”, “Portugal de Hoje”, “Memórias de Portugal”, “Saudades de Portugal”, “Voz da Saudade”, “Recordar é Viver”, “Jardim dos Açores”, “Sonhos de Portugal”, “Amor da Pátria”, “Melodias de Portugal”, “Voz do Emigrante”, “O Emigrante Português”, “Portugal na Califórnia”, “Sol de Portugal”, “Voz do Atlântico”, “Voz da Lusitânia”, “Portugal, Terra de Fé”, “Aurora de Portugal”, “Ecos dos Açores”, “Saudades dos Açores”, “As Nove Pérolas dos Açores”, “Portugal em Marcha”, “Voz da Nossa Terra” etc.

Nem sempre com a qualidade desejável, por vezes feita em situações verdadeiramente artesanais, a rádio portuguesa foi criando através dos anos um público fiel e uma audiência atenta, em muitos casos, extremamente participativa, quer nas famosas dedicatórias musicais, quer nas festividades que as próprias rádios proporcionavam ao celebrarem o seu aniversário. Eram os programas de rádio que davam as últimas de Portugal, embora em muitos casos, com algumas semanas de atraso. Eram os programas de rádio a ponte entre o isolamento da emigração, a terra distante e as outras comunidades que nos rodeavam. Como me disse uma anciã em Tulare há cerca de dois anos: “eram os programas de rádio que nos davam tudo. Metiam-nos medo ao falar da violência americana; dos desastres e das tragédias; diziam-nos quem nascia e quem morria na nossa comunidade; falavam-nos das festas e das romarias; de quem precisava de trabalho ou de empregado; até mesmo ficávamos a saber quem tinha comprado rancho ou vacaria (leitaria), carros novos, e quem ia às ilhas de passeio. Eles diziam-nos tudo.”

E o primitivismo com que a rádio portuguesa da Califórnia viveu, e quiçá se ainda vive, foi alvo de preocupação de quantos, por compreenderem a força deste meio de comunicação, já em tempos longínquos, se preocupavam com a qualidade da rádio portuguesa. Num artigo publicado em 1935 Artur Ávila, ele próprio um dos pioneiros que mais se preocupou com a qualidade, falava, descomplexadamente, sobre essa preocupação e as repercussões que as rádios teriam nas vidas e no crescimento colectivo dos emigrantes:

...não é pelo número de programas portugueses
que se pode prestigiar e honrar o nome português
e servir de estímulo para o desenvolvimento da
nossa língua na Califórnia, mas sim pela qualidade

de programas que sejam apresentados, pelo carácter desses programas, pela forma de como são dirigidos e orientados...visto que além da parte musical e dos cânticos necessários para se manter uma audiência, existe a parte artística e intelectual, sendo esta a mais importante de todas, porque é dela que vai cultivar o amor pelas tradições e desenvolver os conhecimentos da língua portuguesa entre a nossa gente.

Não é só pela quantidade de programas que sejam apresentados que nós mereceremos a admiração dos nacionais pelo nosso grau de cultura e o respeito pela nossa força comercial, mas pela qualidade desses programas.

Este homem da rádio, que antes tinha sido dos jornais, estava ciente da função e da missão que estes órgãos exerciam, e ainda exercem, na vida dos emigrantes. Já em 1935 ele falava de uma rádio pedagógica, de uma rádio com um português vernáculo, de uma programação variada, cultural e informativa. Já então este homem da comunicação social se preocupava com a banalização e o trivialismo dado por alguns dos seus colegas no estado da Califórnia:

Todo o português sensato sabe que programas já temos de mais e alguns desses programas em vez de nos honrarem cobrem-nos de desprezo... Alguns desses programas...cobrem-nos de vergonha porque a pessoa que anuncia nem pronunciar o seu nome correctamente sabe... A língua portuguesa anda de muletas pelo espaço da Califórnia.

Entre os múltiplos programas de rádio que apareceram, e desapareceram, entre os milhares de episódios insólitos, encontram-se alguns pecadilhos dignos de registo. É quase célebre, o caso do locutor que fazia o programa de rádio com a mulher e, constantemente, a dar-lhe ordens: atende o telefone, vai buscar aquele papel, dá-me o café, etc. Em Miscelânea (U.S.A)landesa o Professor Doutor Eduardo Mayone Dias apresenta algumas das ocorrências mais divertidas do historial da nossa rádio em língua portuguesa:

...a notícia vinda de Brasília, capital do Rio de Janeiro, o recado telefónico recebido pelo telefone, a comunicação do nascimento de um menino do sexo masculino, o lar para a terceira idade onde compatriotas aí alojados podiam fazer as suas necessidades em português...E ainda a notícia formulada aproximadamente nestes termos {Em Angra do Heroísmo foi submetido a uma delicada intervenção cirúrgica o Sr.

submetido a uma delicada intervenção cirúrgica o Sr. Comendador X. O cadáver seguiu para Lisboa por via aérea.

Mas há ainda casos anedóticos que me recordo de ouvir. Como o locutor terceirense que dá a notícia do senhor que havia sido hospitalizado nos seguintes termos: O Senhor X foi entregue ao hospital a semana passada. Eles abriram a ele e fecharam a ele. Aquilo não tinha tafulho. Desejamo-lhe melhoras. Ou então, a locutora que agradeceu o jantar que havia tido na semana antecedente em casa da sua comadre: estava tudo tão fresquinho que consolava e o chouriço do compadre estava mesmo de matar. Por último recorde-me o locutor que agradeceu o convite para estar na matança do porco à açoriana. Depois de traçar longos elogios a tudo e todos rematou afirmando: Olhe Senhor X que os três porcos estavam bem assoados, mas a porca da sua sogra, essa sim, era um luxo. Parabéns e até para o ano se Deus quiser. Ficamos sem saber se houve ou não convite no ano seguinte.

Diga-se, contudo, que para além destes e outros casos semelhantes os programas de rádio em língua portuguesa foram um contributo imprescindível para a continuação da língua e cultura portuguesas em terras da Califórnia. Alguns dos primeiros homens e mulheres da nossa rádio jamais deverão ser esquecidos. Não foram apenas pioneiros das ondas hertzianas em português como foram construtores importantíssimos da comunidade que hoje somos. Artur e Celeste Ávila, Joaquim Esteves, Francisco e Josefina Canto e Castro e mais tarde Miguel Canto e Castro, Frank Dias, Maria Cabral, Maria Sousa, Higino Costa, Joaquim e Amélia Morisson, Ana Calado, Enos e Margarida Santos, Mimi Dias, Idalina Melo, Jorge Ázera, Joaquim Correia Sr., Frank Mendonça, Arnaldo Gonçalves, Agnelo Clementino, Camilo Melo, Manuel Leal, e tantos outros que devem ser merecedores do nosso reconhecimento pelo contributo que fizeram para a manutenção do lusitanismo, e da açorianidade, em terras da Califórnia.

Na década de 70 surgem outros nomes e outra forma de fazer rádio. Um caso único foi o aparecimento de Eugénio Alcoforado, antigo locutor do Rádio Clube Português do Porto que a partir do sul da Califórnia lança a primeira tentativa para profissionalizar a rádio portuguesa deste estado. O seu projecto não foi realizável. Um projecto radiofónico que unia três estados da união americana era utópico.

Alguns anos depois, com a KRVE de Los Gatos e a contratação dos locutores José João Encarnação e Mário Vargas é dado o primeiro e o grande passo para essa desejada profissionalização. Dir-se-á que depois deste duo e das polémicas “Linhas Abertas” a rádio portuguesa na Califórnia jamais foi a mesma.

Um pouco por todo o estado aparecem projectos similares ou diferentes, mas todos com objectivo de transformar a rádio portuguesa. No sul do estado foi a Rádio Lusalândia, um projecto que envolve vários indivíduos. Nomes tão conhecidos da diáspora como: Vamberto Freitas, Osvaldo Palhinha, Pedro Costa, Alfredo Siveira, e outros tentaram durante alguns anos fazer uma rádio informativa, formativa e com um forte espírito crítico. No centro do estado, em Tulare/Visalia instituiu-se a primeira tentativa na Califórnia do sistema de circuito fechado, o Rádio Clube Comunidade. Mais tarde na mesma cidade e também com o mesmo sistema a KTPB passa a ser a primeira estação do género na Califórnia a transmitir 24 horas por dia em português.

Presentemente, a rádio em língua portuguesa na Califórnia é composta por várias estações de rádio e outros tantos programas. O empresário Batista Vieira é proprietário da única rede radiofónica neste estado a KSQQ em San José e a KLBS em Los Banos. Ainda no norte a KATB transmite alguns horas em português. Mais ao sul a KICQ em

KATV transmite algumas horas em português. Mais ao sul a KIGS em Hanford transmite em português cerca de 18 horas por dia, com 24 horas aos fins de semana, e a KTPB de Tulare continua a transmitir 24 horas por dia em circuito fechado. Nestas e em outras estações, para além da programação que é da responsabilidade da estação, com quadros próprios, existem os programadores independentes que continuam a comprar o seu tempo de antena, sendo assim os responsáveis pela comercialização e, obviamente, o espaço editorial dos seus programas. Em San Diego, há longos anos que existe a Hora Portuguesa de Paulo Goulart. No Chino, O Nosso Programa, foi durante largos anos (até perto de falecer) dirigido por Tony Freitas, em Artesia o projecto televisivo RTA, inclui rádio local, em Petaluma Recordando Amigos de Portugal e em Sacramento mantém-se a tradição com Ecos Portugueses.

Estamos perante uma rádio que apesar dos seus condicionalismos tem sabido semear a língua portuguesa em terras da Califórnia. Um órgão, que no passado e muitas vezes em formatos simples e até arcaicos, soube comunicar com as pessoas e fazer comunidade.

Uma Possível Conclusão

Ao terminarmos o século XX, e ao olharmos para a realidade de uma comunidade que pouco a pouco se integra no mundo americano, que não se revitaliza porque há cerca de 15 anos que a emigração estancou, que não tem a mesma necessidade nostálgica que os seus antecessores, que tem acesso à televisão directa de Portugal 24 horas por dia, que com as novas tecnologias poderá ler diariamente os principais jornais portugueses e açorianos e que cada vez utiliza menos o português como primeira língua, poder-se-á perguntar—que futuro e que papel terão os órgãos da comunicação social portugueses na Califórnia? Numa entrevista dada a um dos jornais da emigração na década de 80 e incluída no já citado L(USA)Landia—A Décima Ilha, publicado em 1987, Onésimo Almeida dizia que a ética a ser seguida por um jornal imigrante, e que podemos alargar a uma rádio ou à televisão das comunidades, é :” ..Defender o direito das pessoas reconstruírem o mundo que é parte delas—desde o café, ao grupo de futebol e à igreja—mas ajudar a alertar as pessoas para o facto de o novo mundo não acabar na ilha e que, para pequenez, basta a superfície da ilha. Que o planeta é grande e até é uma ilhota no universo.”

Há sim que defender o que é nosso e o direito da existência de tudo que criámos, há ainda que pensar na metamorfose que as comunidades da Califórnia têm sido sujeitas. Há que reflectir no envelhecimento das nossas comunidades e com elas o desaparecimento do gosto pelas coisas de um passado que aos jovens lhes diz pouco. É que embora os emigrantes nunca sejam totalmente americanos, ficam/ficamos sim cada vez menos portugueses e os seus/nossos descendentes nunca serão tão portugueses como os pais ou os avós. Aliás, que lhes peçamos muitas coisas, mas isso nunca. Como afirmou o crítico literário Vamberto Freitas num artigo escrito no fim dos anos 80 para o *Diário de Notícias* “se para a primeira geração o mínimo de “cultura” exigido, enquanto no exílio, cabe no clube local, para o resto, quando muito, Portugal é um deslavado autocolante, o “old country” donde vieram os seus pais”.

Poder-se-á dizer que os órgãos da comunicação social terão de acompanhar esta evolução, ou simples transformação, que é inevitável nas nossas comunidades. Com a presença da alta tecnologia, e com ela Portugal em casa todos os dias, as rádios e os jornais terão de ser ainda mais das comunidades. Estar com a comunidade crescer com ela

mais das comunidades. Estar com a comunidade, crescer com ela, preocupar-se com ela. Na imprensa, as primeiras páginas dos jornais terão de parecer-se menos com cópias dos jornais de Portugal e cada vez mais consigo próprias. As manchetes terão de ser substituídas pelos altos e baixos da terra natal, com os altos e baixos das nossas comunidades. Os temas terão de mudar! Em vez de se preencher colunas com a queima das fistas em Coimbra, ou nos Açores, ter-se-á que escrever sobre os alunos “valedictorians” portugueses, e luso-descendentes, que todos os anos concluem, com distinção, os seus estudos nas escolas secundárias americanas, e de quem ninguém se lembra, nem que não fossem eles os leitores de um amanhã cada vez mais próximo. Terá de substituir-se as reportagens das festas do Senhor Santo Cristo em Ponta Delgada pelas do Chino ou de São Francisco. As notícias do problema que os repatriados provocam nos Açores terão de suprir-se com a problemática das famílias dos mesmos repatriados que aqui ficam. É possível que se tenha de fazer o que os jornais dos outros grupos étnicos têm feito: defender veementemente e activamente os nossos interesses políticos, sociais, educacionais e culturais. Quiçá talvez tenhamos de substituir um conto em folhetim do Eça de Queiroz por *A Banda Nova* de Manuel Ferreira Duarte ou *My Hunt For King Sebastian* de Katherine Vaz. E tudo isto em que língua?

As rádios também têm desafios similares. Enquanto houver o mercado da saudade poderão continuar com a sua nobre missão. Mas as novas gerações? Será que um empresário poderá justificar um investimento de milhões de dólares numa estação livre para um mercado tão reduzido? Ou será que as tão, injustamente banalizadas, rádio-caixas, serão a resposta para uma audiência com tendências a reduzir-se? Será que a benevolência dos nossos empresários da comunicação social não tem fim? Será que os seus herdeiros terão a mesma benevolência? Será que as novas gerações criadas com o MTV, e uma festa portuguesa de vez em quando, terão a mesma paixão, a mesma fidelidade exibida durante décadas pelos seus pais e avós? Será que os interesses musicais e informativos das camadas mais jovens são iguais aos das últimas gerações? Será que a cobiçada profissionalização da nossa comunidade não exigirá outra rádio? Será que temos rádio demais?

Recordo que quando cheguei à Califórnia há trinta anos havia (na zona de Tulare) programas de fim de semana (com abundância) e meia hora por dia em português. Recordo ainda que para os filhos dos emigrantes de então, alguns meus colegas na primária, aqueles cujos pais tinham emigrado uns anos antes, programas de rádio ao fim de semana em português era mais do que suficiente. Repetir-se-á o ciclo?

É que uma imprensa com mais de um século de existência irá, terá mesmo, de sobreviver. E uma rádio que deu os primeiros sons antes da própria rádio em Portugal, tem que continuar a emitir. Resta saber como e para quem?

REFERÊNCIAS

Almeida, Onésimo. L(USA)Landia: A Décima Ilha. Gabinete de Emigração dos Açores. Angra do Heroísmo, 1987.

Dias, Eduardo Mayone. Miscelânea L(USA)landesa. Edição Cosmos: Lisboa, 1997.

Freitas, Vamberto. A Ilha em Frente: Textos do Cerco e da Fuga. Salamandra: Lisboa, 1999.

“Portugal Na Califórnia”. Edição Especial. Oakland, 1935 (Biblioteca J.A. Freitas)